

A QUEDA DO “S” NA DESINÊNCIA VERBAL DE NÚMERO E PESSOAS

Pedro Paulo de Souza Fattori⁹

G/Letras/UEMS

Marlon Leal Rodrigues

NEAD/UEMS

Resumo: Este trabalho tem por objetivo comprovar a ocorrência linguística da queda do “s” da desinência verbal de número e pessoas, utilizando para tais estudos primeiramente conceitos teóricos adquiridos através de gramáticas históricas sobre a linguagem e a língua, a história da península ibérica, desenvolvendo assim nossa língua portuguesa, noções de fonética e fonologia, e os fenômenos de metaplasmos.

Palavras-chaves: Desinência Verbal, Metaplasmos, Língua Portuguesa.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo comprovar a ocorrência linguística da queda do “s” da desinência verbal de número e pessoas, utilizando para tais estudos primeiramente conceitos teóricos adquiridos através de gramáticas históricas sobre a linguagem e a língua, a história da península ibérica, desenvolvendo assim nossa língua portuguesa, noções de fonética e fonologia, e os fenômenos de metaplasmos.

Em seguida, utilizaremos a gramática normativa para apresentar as Desinências e assim será abordado o nosso objeto de tese, onde através de pesquisas e entrevistas em campo, abordando os mais diversos tipos de falantes em diferentes faixas etárias, e grupos sociais, tentaremos comprovar tal ocorrência de transformação da língua.

Gramática Histórica

⁹ Pedro Paulo de Souza Fattori. Acadêmico de Letras (Português/Inglês), Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS, Campo Grande, MS, trabalho feiro na disciplina Linguística II ministrada pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues.

As diversas transformações a quais as línguas se submeteram durante toda a história da humanidade, em um processo de constante mudança e desenvolvimento nas mais diversas partes do mundo e grupos de pessoas, é o amplo objeto de estudos o qual se ocupa a Ciência da Gramática Histórica.

Segundo Coutinho (1976) essas transformações não se deram por acaso, não foram produzidas por moda ou capricho, mas obedeceram a tendências naturais, a hábitos fonéticos espontâneos. A constância e a regularidade, que se observam em tais transformações, permitiram aos gramáticos formular-lhes os princípios e leis. O estudo destes princípios e leis se faz na Gramática Histórica. As mudanças na língua se dão de forma lenta e gradativa, porém contínua, ela está sempre em transformação, começando sempre por partes e não o todo, podendo ou não atingir um grande número de falantes e permanecendo por mais ou menos tempo, gerando um complexo jogo de mutação e permanência. Tão discreto pode vir a ser esse processo que segundo Faraco (2005):

"Os falantes normalmente não tem consciência de que sua língua esta mudando. Parece que, como falantes, construímos uma imagem da nossa língua que repousa antes na sensação de permanência do que na sensação de mudança [...] Há, porém, situações em que os falantes acabam por perceber a existência de mudanças. Isso ocorre quando, por exemplo, os falantes são expostos a textos muito antigos escritos em sua língua; ou convivem mais de perto com falantes bem mais jovens ou bem mais velhos; ou interagem com falantes de classes sociais que tem estado excluídas da experiência escolar e da cultura escrita, ou que tem pouco acesso a ambas; ou ainda quando escrevem e encontram dificuldades para se adequar a certas estruturas do modelo de língua cultivado socialmente na escrita". (Faraco, 2005)

A Gramática Histórica faz um estudo Diacrônico da língua, em que estuda suas mudanças se baseando em um olhar evolutivo de uma língua no tempo, a comparando entre diferentes épocas. Nisso ela se difere dos outros tipos principais de gramática que são a Gramática Normativa (Que se baseia em normas estabelecidas pelas camadas cultas da sociedade, se baseando na arte do bem dizer, como uma só regra linguística na sociedade), A Gramática Comparada (Que estuda duas ou mais línguas da mesma família, também de forma diacrônica, porém as comparando para tentar achar uma língua materna comum), e a Gramática Descritiva (Que estuda a língua de uma forma sincrônica, baseando-se apenas em um determinado contexto histórico).

A Gramática Histórica está subordinada a outra ciência, à Linguística (Que estuda a origem e o desenvolvimento da linguagem), nela baseando suas conclusões e princípios, e é dividida em Lexiologia (Que estuda a palavra isoladamente abrangendo os conceitos de Fonologia e Morfologia) e a Sintaxe (Que estuda as palavras relacionadas umas com as outras em frases).

A Língua

A origem da língua é um mistério ainda não desvendado ao longo da história, os estudiosos do assunto ficam divididos entre um dom divino ou um desenvolvimento natural do ser humano. Os cientistas acreditam mais na hipótese de um desenvolvimento natural, visto que a língua é um conjunto de signos estruturados formando um sistema de imagem acústica e conceitos dentro de uma determinada sociedade, privilégio exclusivo do ser pensante, falar e interpretar a sua língua.

Utilizando como base pesquisas em cima dos ideais de Saussure, que define a língua como um sistema de signos estruturados, um fato social no qual pode ser estudado separadamente e os signos são a junção do significante com um significado, imagem acústica e conceito.

Podemos tomar como exemplo as comunidades pré-históricas, alguns grupos se comunicavam através de sinais, ou seja, gestos, expressões e sons aleatórios. Enquanto outros grupos, mais desenvolvidos, já haviam montado um sistema para organizar esses sinais, sendo assim haviam criado um sistema de língua, com imagens acústicas e conceitos, fazendo com que esses grupos tivessem um desenvolvimento bem mais conceituado e organizado, pelo fato de ter uma comunicação estável.

A Língua possui algumas características individuais segundo Saussure:

1- Ela é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que por si só não pode criá-la, nem modificá-la. Ela é uma coisa de tal modo que um homem privado da fala, conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve.

2- A Língua é um objeto que se pode estudar separadamente.

3- A língua é homogênea: constitui-se em um sistema de signos, onde de essencial só existe a união do sentido e da imagem acústica, onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas. 4- A língua é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo.

História da Península Ibérica

A península Ibérica é invadida sob o comando de Cornélio Capitão durante a segunda guerra Púnica, no século III a. C. Após ter sido dominada por Cartago, a Península Ibérica se torna província romana em 197 a. C., passando então à aculturar a nova a península, tornando a dominação não somente territorial, mas também político cultural sendo obrigatório o uso do latim para as transações comerciais, os atos oficiais e as questões forenses, fazendo com que a difusão na Península Ibérica sejam aceitas facilmente em questão de fala e civilização.

A língua Portuguesa chega em sua forma inicial através da dominação do latim vulgar na península, esse processo pode ser dividido em 3 fases: Pré histórica, a Proto-Histórica e fase histórica (Bechara, 1976).

Desinências

Morfemas flexionais nos finais das palavras, que tem por objetivo expressar gênero e número em nomes (desinência nominal), ou pessoa, número, modo e tempo (desinências verbais). Segundo a gramática de Celso Cunha, desinências nominais definem gêneros e números, de acordo com a tabela:

Gênero		Número	
Masculino	Feminino	Singular	Plural
-O	-A	-	-S

(Celso Cunha, 1984, pag79)

E as desinências verbais, podem ser indicadas por três grupos; as do presente do indicativo, do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo pessoal (futuro subjuntivo):

oa	Pess	Presente		Pretérito Perfeito		Infinitivo Pessoal (Fut. do Subjuntivo)	
		Singu lar	Plu ral	Singu lar	Plu ral	Singu lar	Plu ral
	1º	-O	- Mos	-i	- mos	-	- mos
	2º	-S	-is (des)	-ste	- stes	-es	-des
	3º	-	-m	-u	- ram	-	-em

(Celso Cunha, 1984, pag79)

O Objetivo Geral de Nossa Tese

Com base nos conhecimentos adquiridos sobre a desinência, será definido o objeto ou ocorrência linguística, que o presente artigo buscará comprovar. Será estudada uma suposta perda da letra (s) na desinência verbal de número e pessoa, no presente, pretérito imperfeito e infinitivo pessoal, ocorrendo na primeira pessoa do plural, no morfema [mos].

Ex: " Vamos, Estamos, Conseguimos, Estivemos, Fizemos."

" Vamo, Tamo, Conseguimo, Tivemo, Fizemo."

Buscaremos tal ocorrência na fala corriqueira, no dia a dia de pessoas de diversos grupos sociais, diferentes faixas etárias, através de entrevistas, pesquisas e audições, nos atentando para elaborar perguntas que induzam os entrevistados a nos dar respostas contendo tal ocorrência.

Em seguida, buscaremos analisar as gravações das entrevistas e chegar às conclusões analisando as respostas de acordo com os conceitos teóricos já apresentados no decorrer desse artigo, sobre gramática histórica, normativa, conceitos de fonética e fonologia que será apresentado logo na sessão seguinte e conceitos de metaplasmos.

Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia são as áreas da Linguística que estudam os sons da fala. Por terem o mesmo objeto de estudo, são ciência relacionadas. No entanto, esse mesmo objeto é tomando de pontos de vista diferentes, em cada caso. (Introdução à linguística, Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes, pg 105)

Fonologia

A fonologia estuda as diferenças fônicas correlacionadas com as diferenças de significado (ex: [p]ato/[m]ato), ou seja, estuda os fones segundo a função que eles cumprem numa língua específica, os fones relacionados às diferenças de significado e a sua inter-relação significativa para formar sílabas, morfemas e palavras. A fonologia relaciona-se, também, com a parte da teoria geral da linguagem humana concernente com as propriedades universais do sistema fônico das línguas naturais, ou seja, refere-se aos sons possíveis que podem ocorrer nas línguas. (Introdução à linguística, Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes, pg 149)

Fonética

Parte da linguística que estuda e classifica os elementos mínimos da linguagem articulada (fones, sons da fala) em sua realização concreta. Estudo sincrônico das particularidades fônicas de um sistema linguístico determinado.
"f.portuguesa".

A principal preocupação da Fonética é descrever os sons da fala. Por exemplo, são afirmações típicas desta ciência dizer que o som [b] é articulado com uma corrente de ar pulmonar, egressiva, com vibrações das cordas vocais, com uma obstrução do fluxo de ar seguida de uma explosão; ou descrever a vogal [i] como aquela que tem os dois primeiros formantes mais afastados um do outro (Introdução à linguística, Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes, pg 105)

Metaplasmos

São modificações intencionais no significado da palavra, usando a criatividade na língua. Existem vários tipos de metaplasmos e podem ser encontrados em diversos níveis linguísticos. Podem ser considerados também metaplasmos as modificações que a palavra sofre na passagem do Latim, para o Português, nesse caso, são apenas fonéticas, sendo que as palavras se conservam no mesmo significado.

A seguir, alguns tipos de metaplasmos: icônico de extrapolação, cobertura de defectividade, metaplasmos clássicos e elíptico. Os metaplasmos são classificados em 4 maneiras: por aumento, por supressão, por transposição e por transformação. O metaplasmo tratado nesse trabalho é a apócope (metaplasmos por supressão), onde há a supressão de um fonema, no final da palavra, no nosso caso, a desinência numeral nos verbos.

Entrevistas e Análises

Para comprovar tal ocorrência linguística, iniciou-se uma coleta de entrevistas com o intuito de encontrar na fala dos nossos entrevistados o objeto dessa pesquisa, que seria a queda do S na desinência verbal de número e pessoa. As perguntas foram elaboradas, para obter-se respostas em que o entrevistado utilizasse a primeira pessoa do plural, sendo nosso propósito maior mostrar na prática a efetivação da lei do menor esforço da fonologia estudada com base no livro Gramática Histórica de Ismael de Lima Coutinho.

Era esperado nessa pesquisa de campo que na fala dos entrevistados ocorressem metaplasmos denominados apócope no final das conjugações de primeira pessoa do plural com o sumiço do (S) como por exemplo nas palavras:

vamos>vamo; estamos>tamo; chegamos>chegamo

Fato que efetivamente pudemos observar no dia a dia e em alguns programas de TV, músicas e na fala corriqueira. Porém resultou-se que após as primeiras entrevista que citaremos uma a uma, houve pouco uso desse tempo verbal nas respostas, entretanto a lei do menor esforço se efetivou de outra forma, ao

comprovamos que os falantes preferem utilizar o pronome “a gente” do que a conjugação do "nós", para as respostas, talvez por essa ser mais fácil de se pronunciar por exigir uma conjugação na terceira pessoa do singular, que acaba sendo mais rápida e ágil. Porém esta ainda é uma conclusão prévia, nos parágrafos a seguir serão analisadas as entrevistas tomando por base as diversas faixas etárias de nossos entrevistados e suas respectivas classe sociais, observando como esses fatos podem vir a influenciar em suas respectivas falas e utilização do nosso objeto.

Na primeira entrevista, foram elaboradas perguntas para algumas alunas do ensino médio de uma escola estadual, na faixa de 15 á 16 anos, abrangendo temas sobre sua grade de ensino e conteúdos que estão estudando em literatura. Foi tomado o cuidado de sempre usar o pronome "vocês" nas perguntas para dar tom casual e tentarmos obter respostas contendo a nossa suposta ocorrência. Porém a aluna utilizou quase durante a entrevista toda, uma fala concisa da norma culta, se valendo de termos como "Nós estamos aprendendo...", "nós já lemos...". Ao fazer mais perguntas, acabou-se descobrindo que se tratava de uma aluna que tem o hábito da leitura, fato que contribui para a utilização de uma fala de acordo com a norma culta (Normalmente usada na literatura), assim pode-se notar tal influência da leitura na fala. A segunda aluna entrevistada, pouco fez uso da conjugação do nós, preferindo o pronome "A gente" acompanhado de verbos com a conjugação na terceira pessoa do singular, ou mesmo respostas diretas, sem conjugação alguma. Comprova-se com isso mais uma vez a lei do menor esforço e da praticidade na língua, porém, não ocorreu nessa entrevista a queda do "s" nas desinências, objeto principal de nosso estudo.

Em uma segunda entrevista, foram feitas perguntas á uma gerente bancária, de 47 anos, referentes a algumas mudanças em sua empresa, e á novas experiências que seus funcionários têm passado. Novamente foi tomado o cuidado na elaboração das perguntas para tentar se obter respostas em que ocorresse o uso da primeira pessoa do plural, o nós, e assim obtivemos novamente a preferência pelo uso do "a gente" nas respostas, oscilando também com respostas corretas segundo a norma culta empregando sempre que possível uma conjugação sem queda do "s" nos morfemas finais das palavras como no trecho transcrito abaixo:

P: "[...] como está sendo para vocês funcionários?"

R: "Para nós esta sendo uma nova experiência [...], A gente tá com bastante expectativa, Nós pretendemos dar o nosso melhor, até porque é o nosso emprego em jogo. [...]"

Atribuimos as características de sua fala a alguns fatos: A auto avaliação por estar diante de uma entrevista sobre um fato de seu emprego; o seu usual contato com pessoas no dia a dia e o "bem dizer" que sua profissão exige, para se comunicar com os clientes, o qual exige sempre um tom formal. Mais uma vez não conseguimos encontrar nosso objeto de estudo na fala do entrevistado.

Na terceira entrevista, estive se conversando e fazendo perguntas informalmente com uma funcionária do comércio alimentício em frente a uma universidade, abordando temas sobre o movimento de sua loja, e a quantidade de vendas ligada aos alunos. Pôde se perceber nas repostas uma objetividade maior com foco na rapidez e praticidade, muitas vezes com respostas sem a conjugação verbal como por exemplo "sim" e "não". Logo, pôde-se atribuir tal fato ao ambiente de vendas rápidas, com foco no rápido atendimento do cliente para economizar no tempo, fator primordial e valorizado em um contexto em que a máxima seria "Tempo é dinheiro". Tanto que a entrevista teve que ser interrompida algumas vezes, devido estar em horário de atendimento. Pôde se comprovar aqui mais um exemplo da lei do menor esforço na língua se efetivando na sociedade moderna, o que já é uma tendência linguística nas grandes cidades devido às rápidas relações do comércio no dia a dia.

Na quarta entrevista, o entrevistado foi um doutor em linguística e professor universitário. A conversa foi ambientada nos corredores da faculdade, nada formal. Mesmo assim, foi percebido o uso da norma culta durante a conversa. Porém, podemos ressaltar o pronome "a gente", que foi bastante usado na conversa.

P: [...] Quais foram as mudanças percebidas com a vinda do campus para nova sede?

R: [...] "A gente" tem mais espaço, com uma estrutura melhor [...].

[...] Agora "a gente" pode fazer muito mais [...]

Portanto, apesar de se tratar de um ambiente não formal, não foi identificado objeto estudado. Talvez por se tratar de uma pessoa com especialidade na área da linguística e que possui um alto grau de formação. A única coisa percebida durante a entrevista foi o uso do pronome "a gente" que, como nas entrevistas anteriores, ressalta a lei do menor esforço.

Na quarta entrevista questionamos uma professora da nossa universidade sobre as transformações ocorridas após a mudança para o novo campus, podemos observar o uso de uma linguagem mais elaborada e

voltada para a norma culta, porém já de início o uso do pronome "a gente" que é uma tendência atual que comprova novamente a lei do menor esforço (com base nos estudos de Ismael de Lima Coutinho). A seguir o trecho dessa entrevista:

R:[...] Muitas mudanças, todas. Porque até então a gente não tinha sala de aula[...]

Porém logo depois dessa fala ela segue com o uso do pronome "nós"

R:[...] Hoje aqui nós temos tudo separado, curso de letras, bloco da letras, da pedagogia, de artes cênicas[...]

Podemos observar que a entrevistada tem um bom domínio da língua em sua norma culta mesmo em uma conversa informal.

Conclusão

O primeiro fato que se pode por em pauta para conclusão desse artigo é a não comprovação da ocorrência linguística, que foi proposta no início das pesquisas, que seria a queda do "s" na desinência verbal de número e pessoa, no presente, pretérito imperfeito e infinitivo pessoal, ocorrendo na primeira pessoa do plural. Apesar de previamente ter se observado constante uso de tal termo em alguns programas de Televisão, Músicas, e na fala corriqueira, seja em conversas informais, ou uso no dia a dia, não foi possível registrar em nossas entrevistas tal fato linguístico. Porém a análise das entrevistas nos possibilitou diversos outros questionamentos e outros fatos linguísticos que os falantes utilizam em sua comunicação ligados a diversos fatores que, entrelaçados a cada contexto pôde-se chegar a diferentes conclusões ao se valer de um olhar sociolinguístico.

Registrou-se na fala de nossos entrevistados a grande preferência pelo uso do pronome "a gente" que vêm como um fato linguístico substituir o uso do "nós", ou às vezes respostas tão objetivas que se encurtam a ponto de não haver conjugação verbal alguma, assim foi atribuído tal ocorrência á "Lei do menor esforço" que é uma das leis da fonética, encontradas na Gramática Histórica do Autor Ismael de Lima Coutinho, e que através desse menor esforço no falar, as relações e comunicações cotidianas podem ser mais rápidas e práticas,

economizando assim o tempo, que é fator primordial e super valorizado em uma sociedade a qual preza-se por informação e lucros rápidos, e resultados imediatos, já inseridos em sua cultura.

Outro fato que se pode concluir através das entrevistas é a ligação dos entrevistados com a educação e leitura, conectada com o uso da norma culta da língua em sua fala. Os entrevistados que convivem diariamente com a literatura, mantêm, ou repassam esse hábito a outras pessoas, utilizam um dialeto normativo, mesmo em falas corriqueiras e informais.

Não se deve pois classificar quaisquer ocorrência ou fato analisado na fala como a mais clara expressão de certeza, ou o mais grave erro, pois a língua como objeto vivo e fato social está sujeita a mudanças e variações dependendo de seu falante, da região, do contexto em que se é falada, podendo certa ocorrência que hoje é considerada um erro, vir a abranger um número de falantes expressivo, tornar-se tendência, e se transformar em norma através dos jogos linguísticos através do tempo.

Referências Bibliográficas

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática. 1991.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Editora Cultrix. 141p.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. São Paulo: Livraria Acadêmica. 1958 385p.

SILVA, José Pereira da. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Editora Botelho. 2008. 262pg.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa - Edição revista segundo o novo Acordo Ortográfico*. Editora José Olympio. 2002. 556p.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Nacional: Editora Nova Fronteira. 2015. 696p.

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

CUNHA, Celso; CINRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Lexikon Editorial. 2013. 800p.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística Vol.1. São Paulo: Editora Cortez. 2001. 270p.

GARCIA, Dolores Carvalho; NASCIMENTO, Manoel. Editora Ática - 13 edição. Pg 35 a 42